



INTERAÇÃO, MEDIAÇÃO, DIALOGICIDADE E COMUNICAÇÃO ESCRITA COMO FACILITADORES DA TOMADA DE CONSCIÊNCIA CRÍTICA: RELATO DE ESTÁGIO

Wesley Henrique Alves da Rocha¹

RESUMO

O presente artigo trata do relato de estágio supervisionado específico realizado durante o nono e décimo semestres da graduação em Psicologia com ênfase em processos socioeducativos na UFMT - Cuiabá. A abordagem que fundamentou o estágio foi a Psicologia Histórico-Cultural. Foram realizados dois projetos de intervenções socioeducativas, um em uma biblioteca comunitária localizada em um bairro popular de Cuiabá/MT e outro em uma escola estadual neste mesmo município. Ambos os projetos tiveram como objetivos criar espaços que possibilitassem desenvolver e aprimorar as produções escritas através do diálogo e atribuição de sentidos, tendo como premissa básica a apropriação e atribuição de sentido ao meio em que estão inseridos e às outras questões cotidianas que pudessem auxiliar os participantes em seu desenvolvimento, e, conseqüentemente, no seu desempenho escolar. Também buscamos oferecer um espaço onde fosse possível aproximar cada vez mais o sentido pessoal que davam para a escola e para as coisas da escola, do significado estabelecido para aquele espaço, com aqueles atores, tendo em vista a realidade social do bairro, da comunidade e etc.

PALAVRAS - CHAVE: Dialogicidade. Sentido/Significado. Escrita.

INTRODUÇÃO

O componente curricular “Estágio Supervisionado Específico - Intervenção em Processos Socioeducativos” do curso de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso ocorre no 9º (nono) e 10º (décimo) semestres do curso, com carga horária de 170h e 230h respectivamente, tendo como objetivos: conhecer o ambiente escolar e propor meios de identificar suas demandas; discutir sobre as possibilidades de intervenções a partir da abordagem crítica em Psicologia; elaborar e desenvolver propostas de intervenção psicológica em ambientes socioeducativo; elaborar propostas de atendimento para as queixas escolares; refletir sobre a prática profissional em contextos socioeducativos e institucionais; relacionar

¹ *Bacharel em Psicologia (UFMT), Mestrando do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem (PPGEL-UFMT)*



teoria e prática em contextos reais de atuação e construir uma visão analítico-crítica sobre a prática profissional nas intervenções psicossociais.

A inserção supervisionada dos acadêmicos em contextos socioeducativos proporciona a construção de conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias às ações profissionais. Essa etapa, bastante relevante, é caracterizada como o período do processo de ensino-aprendizagem em Psicologia; por meio do qual se define conflitos e problemáticas relevantes, possibilitando a articulação entre teoria e prática; problematização da realidade; elaboração de hipótese; discussão, interpretação e intervenção na realidade.

O estágio foi realizado em uma Biblioteca Comunitária e em uma escola estadual, ambas localizadas Cuiabá/MT. A abordagem que fundamentou o estágio foi a Psicologia Histórico-Cultural e um dos principais e fundamentais conceitos desta linha teórica é o de sentido pessoal de Leontiev, sendo este “compreendido a partir da unidade dialética entre a atividade humana e a consciência. O sentido pessoal expressa a relação subjetiva que o sujeito estabelece com os significados sociais e com as atividades humanas” (LEONTIEV, 1974/1983, apud ASBAHR; SOUZA 2014, p. 170).

Vygotsky, outro precursor da Psicologia Histórico-Cultural, formula os conceitos de sentido e significado, onde o primeiro, segundo Asbahr (2014), seria a soma de todos os fatos psicológicos que a palavra desperta em nossa consciência, o sentido é dinâmico e fluido, ou seja, pode mudar de acordo com o contexto, enquanto que o segundo é uma construção histórica e social, é imóvel e permanece estável diante das mudanças de sentido e contexto.

A biblioteca comunitária é um espaço destinado à comunidade do bairro, mas que se encontra abandonado, o que era para ser um espaço de troca, de construção de conhecimento não passava de um prédio no meio do bairro em que as crianças e adolescentes passavam em frente todos os dias sem usufruir de tamanha riqueza. Em virtude disso, consideramos que o local seria um excelente campo de intervenção, fazer com que a comunidade utilize o espaço destinado a ela e a partir das discussões feitas na oficina de redação façam suas próprias produções textuais.

O projeto foi nomeado como “Oficina de Redação”. Ora, a produção textual é um tipo de comunicação e segundo Paulo Freire (1967), a comunicação é um elemento que transforma a pessoa em sujeito de sua própria história, sendo assim, a comunicação possui cunho problematizador que gera consciência crítica e, através do diálogo como gerador da problematização, busca-se o conhecimento e a transformação da realidade.



Ao nos inserirmos no âmbito escolar, mais especificamente, numa escola estadual de Cuiabá/MT, tivemos maior receptividade na sala de articulação, a professora responsável nos acolheu e sempre estava disposta a conversar conosco, por este motivo decidimos que trabalharíamos com o público dessa sala, ou seja, estudantes de 12 a 14 anos com alguma dificuldade de aprendizagem. A sala de articulação não possui turma definida, através de seleção se compõe grupos com diferentes dificuldades acentuadas de aprendizagem que necessitam de atendimento pedagógico diferenciado para que habilidades sejam desenvolvidas e o aluno seja incluso no processo formativo do ciclo em que se encontra (MATO GROSSO, 2001), ou seja, é uma alternativa de atendimento a estudantes com dificuldades de aprendizagem que frequentam a classe regular e irão receber atendimento com professor especializado, material e recursos pedagógicos adequados, dando ênfase às atividades lúdicas. Nosso projeto foi chamado de "Articulando Saberes", onde através de encontros semanais com os alunos trabalhamos temas específicos que perpassam pela vivência escolar, visando a criação de um espaço onde os estudantes possam socializar os sentidos que os mesmos têm em relação à escola, às disciplinas, como eles vêm se apropriando do espaço escolar, contribuindo dessa forma para a aproximação do sentido pessoal que dão para a escola e para as coisas da escola, do significado estabelecido para aquele espaço.

Referencial teórico

Segundo Asbahr (2014), Vygotsky ao formular os conceitos de sentido e significado buscou superar o dualismo até então dominante na psicologia, ao fazer isso, Vygotsky queria ressaltar aquilo que é especificamente humano no homem, isto é, sua capacidade de criação e autoprodução nos seus modos e condições de existência. Leontiev propõe que o sentido é antes de mais nada uma relação que se cria na vida, na atividade do sujeito. Um dos grandes temas de Vygotsky é a relação pensamento e linguagem, analisadas como unidade, o pensamento não é resultado da palavra, mas se realiza nela.

O sentido para Vygotsky seria a soma de todos os fatos psicológicos que a palavra desperta em nossa consciência, tem caráter simbólico, é dinâmico e fluido, muda de acordo com o contexto, enquanto que o significado permanece estável em todas as mudanças de sentido e contexto, é uma generalização, sendo assim, o sentido tem predomínio sobre o significado, por ser mais amplo, fluído e dinâmico, mas não são dissociáveis.



Pensamento e linguagem, para Vygotsky, são chaves para a compreensão da consciência, visto que o desenvolvimento da palavra e da consciência estão vinculados. Asbahr (2014) salienta que Vygotsky avança ao introduzir o conceito de sentido na relação pensamento e linguagem e ao relacioná-lo com a consciência, porém é um conceito inconcluso em sua obra, mais tarde Leontiev se apropria desse conceito, mas o nomeia como “sentido pessoal”, relacionando-o diretamente com a atividade e consciência humana.

Cabe destacar também a mediação como processo indispensável na construção dos sentidos e significados, “compreende-se a mediação como rico processo de interação entre os sujeitos, tendo a linguagem como ambiente” (COSTAS; FERREIRA, 2010), isto posto, é através da mediação (interação entre sujeitos através da linguagem) que se possibilita a formação de processos psicológicos mais complexos, conseqüentemente ocorre a internalização das representações do mundo, criando compreensões próprias, ou seja, criando novos sentidos, assim como a fala interna ou o pensamento verbal (ibidem).

O projeto da biblioteca comunitária (Oficina de Redação) teve o diálogo (relação dialógica) como pressuposto fundamental, ou seja, a interação entre os sujeitos através da linguagem (falada, escrita), desse modo não pretendemos transferir um conhecimento estático aos participantes do projeto, mas sim nos aproximar deles através do diálogo, da significação, da atribuição de sentido e não nos colocar num lugar de suposto saber, respeitando os saberes e vivências de todos.

A interação/mediação/dialogicidade é uma premissa para a tomada de consciência da pessoa, Freire propõe a conscientização como um esforço de conhecimento crítico dos obstáculos que impedem a transformação do mundo (FREIRE, 2000, apud ZATTI, 2007, p.71) e a partir do momento que a pessoa passa a ter esse conhecimento, ou seja, conhecer o contexto em que está inserida em todas as suas implicações ela passa a poder transformar o mundo e/ou sua realidade e se inserir criticamente na sua história.

Não muito distante do que já foi exposto, o projeto da escola (Articulando Saberes) também foi baseado em conceitos teóricos da psicologia histórico-cultural que consideram a aprendizagem como interdependente dos sentidos e significados que a criança atribui, considerando os mesmos como importantes para o seu desenvolvimento intelectual e social.

O significado está diretamente ligado ao conceito, que se generaliza a partir de uma estabilização social de ideias, ou seja, por um grupo, o sentido por sua vez, tem caráter simbólico e é totalmente baseado no social. No significado, temos um discurso marcado por



categorias, que desencadeiam um raciocínio coerente, o sentido, entretanto, fica em um campo difuso que, quando se cristaliza, torna-se um significado.

Na relação com o mundo é que a pessoa internaliza significados levando em consideração suas experiências e a partir disso atribuindo um sentido próprio.

[...] serve o sentido como um possibilitador dessa relação. Recapitula-se aqui a importância do social. O sujeito se produz como indivíduo na ação social e na interação, internalizando significados a partir do social (COSTAS e FERREIRA, 2011).

Levando em consideração a função social do conhecimento, buscou-se também que os estudantes pudessem aproximar cada vez mais o sentido pessoal que dão para a escola e para as coisas da escola, do significado estabelecido para aquele espaço, com aqueles atores, tendo em vista a realidade social do bairro, da comunidade e etc. e dessa forma contribuir para uma vivência escolar mais harmônica.

Vygotsky enfatiza a importância da linguagem, definindo-a como aspecto diferencial entre o ser humano e outros seres, para o autor a linguagem é fundamental, é através dela que a criança ao longo do tempo vai dando forma aos processos estruturais mais complexos, internalizando suas representações, atribuindo sentidos, construindo significados. Esse processo acontece por meio da mediação, ou seja, o social está diretamente ligado a esse processo, visto que facilita as interações com o ambiente, possibilitando a internalização da cultura (COSTAS & FERREIRA, 2011).

Considerando o exposto, objetivou-se com o projeto fugir de práticas, que Heller, citada por Patto (1999), denomina como abstratas e que vêm sendo reproduzidas automaticamente, é necessária uma prática que possibilite uma vivência real do conhecimento para romper com estas práticas cristalizadas, para tanto através do diálogo em encontros semanais buscamos criar um espaço onde os estudantes possam falar sobre suas vivências escolares, atribuir e socializar os sentidos atribuídos ao ambiente escolar, visando a aproximação dos sentidos atribuídos por eles do significado social.

Como já foi dito, a dialogicidade é pré-requisito para a tomada de consciência, sendo assim, o projeto da escola pode ser uma ferramenta para isso, visto que o objeto cultural, no caso a escola, só passa a fazer sentido a partir do momento que se conecta com a experiência social. Além do exposto, Checchia (2010, p. 17), enfatiza que:

[...] o trabalho de intervenção do psicólogo na escola envolve a escuta relativa à



versão dos alunos sobre sua experiência escolar, priorizando-se a criação de espaços de expressão e comunicação, onde os estudantes possam falar de seu aprendizado, de sua vida escolar e mostrar suas potencialidades, ou seja, valoriza-se a expressão dos significados que os alunos possuem a respeito do seu lugar na escola e do processo de escolarização. (CHECCHIA, 2010, p. 17)

É esse espaço que pretendemos oferecer como o projeto na escola, onde os estudantes possam se expressar, falar de seu aprendizado e de suas vivências, além da socialização e construção de significados e sentidos.

Além do exposto, buscamos dar voz às crianças e/ou adolescentes e/ou adultos que muito possivelmente são silenciados no processo de escolarização, só o fato de essas pessoas terem com quem conversar acerca das vivências escolares e pensar em caminhos, alternativas e possibilidades movimenta-se a vida escolar delas, até então cristalizada (MACHADO, 2002).

Procedimentos metodológicos

O projeto da biblioteca comunitária teve por objetivo criar espaços que possibilitem desenvolver e aprimorar as produções escritas através do diálogo e atribuição de sentidos, o projeto teve início no dia 11 de outubro de 2016, baseou-se em encontros semanais com duração média de 2h com estudantes de escolas públicas e privadas da região, que se inscreveram previamente. Tivemos cerca de 118 inscritos, mas um número muito reduzido de estudantes participou efetivamente, cerca de 4 estudantes por encontro, embora o número de participantes tenha sido pequeno em relação ao esperado, o projeto teve resultados que considero satisfatórios. A cada semana um tema diferente foi discutido, os temas eram atuais e que poderiam ser cobrados na redação do ENEM. Os temas discutidos foram: Guerra, Racismo, Cotas, Gênero e diversidade, Direitos Humanos. Levamos em cada encontro material para discussão, tais como, notícias, imagens, vídeos, etc., os participantes também podiam pesquisar em casa e levar algo para discutir no grupo. No final da discussão os participantes deveriam produzir um texto dissertativo argumentativo, que posteriormente foram corrigidos por nós estagiários com o apoio de estudantes do curso de Letras, cada correção foi devolvida ao autor do texto. Os materiais utilizados foram: folha sulfite, papel almaço, lápis, caneta, borracha, notebook.

Com relação ao projeto da escola "Articulando Saberes", consistiu em encontros



semanais, duas vezes por semana, com duração média de uma hora cada. Em cada encontro trabalhamos temas diferentes a fim de que os estudantes expressem seus sentidos e significados em relação aos temas propostos. Foram sete encontros, os temas foram os seguintes: 1º encontro em 21/11/16: Apresentação do projeto aos estudantes, apresentação dos estagiários e dos estudantes a fim de que o grupo se conheça; 2º encontro em 30/11/16: Apresentação das famílias através de desenho; 3º encontro em 05/12/16: Falando sobre a escola; 4º encontro em 07/12/16: Batata quente das disciplinas; 5º encontro em 12/12/16: Falando sobre os medos; 6º encontro em 14/12/16: Sexualidade e 7º encontro em 19/12/16: Devolutiva.

Descrição das atividades realizadas na biblioteca comunitária (oficina de redação)

1º encontro – Dia 11/10/16

O primeiro encontro foi pensado de forma que servisse para que o grupo se conhecesse, propomos que cada participante se apresentasse e que contasse a história do nome, após a apresentação individual formaram duplas, cada dupla deveria se entrevistar e após isso produzir um texto sobre a pessoa que entrevistou, nesse primeiro momento a quantidade de linhas e tipologia textual foi livre. No período vespertino não tivemos a presença de nenhum inscrito, já no período noturno estiveram presentes duas pessoas, uma já graduada em Biologia e outra adolescente estudante do terceiro ano do ensino médio, apresentamos o projeto a elas, após terem feito a atividade proposta pedimos que escolhessem um tema para o próximo encontro, o tema escolhido foi "guerra".

2º encontro – Dia 18/10/16

No período vespertino tivemos a presença de quatro estudantes, de 14 a 17 anos de idade, três delas estudantes de um colégio particular, outra já terminou o ensino médio, como era a primeira vez delas no projeto nos apresentamos e propomos que elas se apresentassem, pontos que considero importantes ressaltar são: não sabiam da existência da biblioteca, relatam que mesmo estudando em uma escola particular não se sentem seguras, a escola dá temas de redação sem sentido, temas que são distantes da realidade em que vivem. Após, fizeram a entrevista com outra participante e redigiram a redação. O tema escolhido por elas para o próximo encontro foi "racismo".



No período noturno tivemos cinco participantes, duas delas já participaram no encontro da semana anterior, as outras três que eram a primeira vez se apresentaram, eram estudantes de uma escola estadual nas proximidades do bairro. O tema escolhido para esse encontro havia sido "guerra", levamos relatos de pessoas que já haviam vivido guerras e abrimos a discussão, fizemos questionamentos como: o que é guerra?; quem financia a guerra?; quem vai para a guerra?; quem morre?; quem são as vítimas?; porque entram em guerra?; o que fazer?, tais questões fizeram o debate fluir, em sua maioria apontaram a educação como solução para o problema da guerra, após o debate redigiram a redação. Escolhemos para o próximo encontro o tema "cotas".

3º encontro – Dia 25/10/16

No período vespertino trabalhamos o tema "racismo", começamos com uma rodada com as seguintes perguntas: “algum momento você já foi excluído por alguma característica que tem?”, “O que é racismo?”, em sua maioria todos já haviam sofrido exclusão de alguma forma, levamos charges, vídeos e entrevistas que tratavam do tema, lemos e discutimos, após redigiram a redação.

No período noturno trabalhamos o tema "cotas", iniciamos perguntando se todos sabiam o que são cotas, levamos a lei 12.711 de 29 de agosto de 2012 que dispõe sobre as cotas no ensino superior e vídeos que tratavam do assunto para fomentar a discussão, neste dia uma das participantes que se dizia contra a política de cotas ao final da discussão passou a ser a favor, demonstrando isso na sua produção escrita.

4º encontro – Dia 01/11/16

No período vespertino trabalhamos o tema gênero e diversidade, levamos textos e vídeos explicativos acerca de gênero e identidade de gênero. Essa temática ainda é tabu em nossa sociedade, tanto que os participantes demonstraram pouco conhecimento sobre o assunto no debate e na produção escrita.

No período noturno trabalhamos o tema Direitos Humanos, visto que uma das exigências do Enem é não violar os direitos humanos na redação. Fizemos a leitura da declaração universal de direitos humanos, levamos também vídeos de jornalistas que em suas falas violaram os direitos humanos, foi um debate bastante rico, após isso fizeram as



produções escritas. Antes de cada encontro sempre fazíamos a devolutiva das redações anteriores já corrigidas e esclarecíamos qualquer dúvida que os participantes tivessem. Inicialmente o projeto teria oito encontros, mas após o Enem não tivemos mais a presença de nenhum participante então tivemos que encerrar o projeto.

Descrição das atividades realizadas na escola estadual (articulando saberes)

1º encontro – Dia 21/11/16 - Conhecendo o grupo

Nesse primeiro encontro focamos em conhecer os integrantes da sala de articulação, primeiramente apresentamos o projeto para a turma e perguntamos o que eles achavam que o psicólogo faz na escola, depois de um período de silêncio disseram que o psicólogo ajuda com traumas e que é uma coisa boa na escola, depois propomos que se dividissem em duplas, para que cada dupla se entrevistasse e depois apresentasse o colega que foi entrevistado, nesse dia estavam presentes 10 estudantes de 12 a 14 anos de idade. Houve dificuldade para formar as duplas, alguns queriam trios com os que tem mais afinidade. Depois de formadas as duplas demos um tempo para que se entrevistassem, a entrevista continha os seguintes dados: nome e história do nome, idade, ano que estuda, o que gosta de fazer, o que precisa melhorar na escola, maior dificuldade e disciplinas que gostam e que não gostam.

Durante as apresentações foram constantes as reclamações acerca das cópias, muitos disseram que os professores passam lousas e mais lousas de texto para serem copiados. Das disciplinas que gostam apareceram: ciências, matemática, português e geografia. Das que não gostam apareceram: português, inglês, geografia. Quando questionados sobre as disciplinas que não gostam disseram que em geral as professoras só passam cópias e não deixam ir ao banheiro, para eles a aula/professor ideal é aquele que deixa brincar e mexer no celular depois das atividades, disseram também que preferem ficar na sala de articulação do que na sala comum, porque na articulação é mais tranquilo e conseguem aprender o que não aprendem em sala de aula.

Para eles a escola serve para aprender a ler e escrever, mas o tempo de intervalo deveria ser maior, segundo eles ninguém merece ficar mais de duas horas dentro de uma sala de aula com um professor "enchendo o saco".

2º encontro – Dia 30/11/16 - Conhecendo as famílias



Nesse encontro a proposta da atividade foi trazer para a discussão com os estudantes a questão da família, através de desenhos que elas fizessem, estiveram presentes 06 estudantes. Propomos então que todos desenhassem suas famílias e depois apresentassem para os demais, nós estagiários também fizemos, os desenhos foram bem diversos, uns com famílias pequenas, outros com famílias bem grandes, desenharam familiares que já faleceram também, o interessante foi que alguns estudantes com pais separados fizeram o desenho de duas famílias, a família da mãe e a do pai, sugerindo que consideram como família não só aqueles que moram junto, mas sim aqueles que têm afeto.

3º encontro – Dia 05/12/16 - Falando sobre a escola

Nesse encontro primeiramente construímos uma agenda coletiva onde constaram todos os encontros que já havíamos feitos e os que ainda faríamos. O objetivo desse encontro foi saber como os alunos veem o espaço escolar e estimular a produção de conhecimento sobre o mesmo, a partir da atribuição de sentidos e significados coletivos.

Inicialmente a proposta era de que os estudantes apresentassem a escola através de um passeio pelo espaço, porém não quiseram sair da sala devido ao clima quente que estava no dia, sendo assim, eles escolheram alguns espaços da escola para falar sobre, estiveram presentes 09 estudantes.

Os locais escolhidos por eles foram: diretoria, coordenação, salas de aula, sala de professores, sala de articulação, laboratório de informática e pátio. De acordo com os estudantes a diretoria é um lugar que serve para coordenar, ligar para os pais, punir as pessoas e expulsar; a coordenação para coordenar documentos, fazer matrícula e fiscalizar os professores e seus planos de aula; as salas de aula servem para estudar, aprender, fazer bagunça, mas também foi dito que é um lugar onde se sentem presos e sozinhos, visto que tem grades em todo lugar; já a sala de articulação foi representada como lugar onde conseguem aprender e entender aquilo que não conseguem na sala de aula comum; já a sala dos professores foi retratada como lugar onde se faz reuniões sobre os alunos. Houve grande dificuldade em ouvir, todos queriam falar ao mesmo tempo. Após isso foi proposto que desenhassem os lugares da escola que mais gostavam e que menos gostavam.

4º encontro – Dia 07/12/16 - Batata quente das disciplinas

Nesse encontro devido à dificuldade do encontro passado em ouvir os colegas que



estavam falando fizemos alguns combinados, combinamos que quem não quisesse participar estaria livre para não participar, entretanto não poderia atrapalhar as atividades do grupo e também quem quisesse falar levantaria a mão e respeitaria a vez do outro, após isso propomos um jogo de associação de palavras, dividimos os estudantes em dois grupos, cada grupo deveria pegar uma letra aleatória e uma disciplina que estavam em papezinhos embaralhados, depois deveriam pensar em uma palavra com a letra e a disciplina sorteadas. Foi possível perceber que os estudantes não têm apropriação dos conteúdos das disciplinas, visto que falavam palavras aleatórias que começavam com a letra sorteada, mas que nada tinha a ver com a disciplina sorteada. Perguntaram se podiam pesquisar, dissemos que sim, então pegaram livros didáticos, dicionários e seus próprios cadernos para pesquisar as palavras.

5º encontro – Dia 12/12/16 - Falando sobre os medos

A temática desse encontro foi o medo dentro e fora da escola, e para isso foi o utilizado o poema “Quem tem medo do quê?” de Ruth Rocha, e houve um segundo momento de desenhos. Todas as crianças interagiram minimamente e falaram sobre seus medos. Estiveram presentes nesse encontro 08 estudantes.

Após a leitura do poema solicitamos que desenhassem seus medos dentro e fora da escola e que depois apresentassem para o grupo, dos medos fora da escola surgiram: medo da mãe (porque bate), morte, cobra, aranha, cavalo e cachorro, já dos medos dentro da escola surgiram: provas, coordenadora e apanhar. Questionamos se ninguém tinha medo de ir pra diretoria, disseram que não, porque já tinham ido várias vezes pra lá e já sabiam o que ia acontecer, a diretora iria ligar para os pais e eles não iriam atender porque já saberiam que iam ouvir "merda" da escola.

6º encontro – Dia 14/12/16 - Sexualidade

No sexto encontro estavam presentes 05 estudantes, abordamos a questão da sexualidade, primeiramente escrevemos a palavra sexualidade na lousa e pedimos para que dissessem coisas boas e ruins que sabiam sobre o tema, houve muita vergonha, não quiseram falar, então propomos que escrevem em papéis anonimamente, das coisas boas apareceram: fazer e ter filhos, beijo, prazer e conhecer o corpo, das coisas ruins apareceram: ter filhos, não fazer sexo, pegar aids, ser gay, engravidar, preconceito e dor, a partir do que eles escreveram levantamos questionamentos, por exemplo, disseram que ser gay é ruim, perguntamos o



motivo, disseram que é ruim porque existe muito preconceito, as pessoas zombam e ficam chamando de "viadinho". Pensando em fugir um pouco de questões biológicas pensamos em uma dinâmica que abordasse os vários tipos de sexualidade, sendo assim levamos os tipos de sexualidade impressos e cortados em várias partes (heterossexualidade, homossexualidade, transexualidade, gay, lésbica) a fim de que se dividissem em dois grupos e quem conseguisse montar cada palavra primeiro deveria dizer o que achava que significava. Foi possível notar que eles não têm apropriação do tema, a única palavra que acertaram o significado foi heterossexualidade, visto que não sabiam as outras palavras propomos que procurassem no dicionário e lessem para o grupo. Foi uma dinâmica muito rica em que foi possível ver preconceitos, estereótipos e que a partir dos esclarecimentos acerca do tema procuramos romper. Depois disso um dos estudantes disse que nunca imaginou aprender essas coisas na escola. Após essa dinâmica propomos que desenhassem todos em uma única cartolina o que entendiam por sexualidade, os desenhos foram bastante expressivos, mostram uma sexualidade que está ali e que precisa ser falada, ouvida e debatida.

7º encontro – Dia 19/12/16 - Devolutiva com os estudantes

Nesse encontro não pude estar presente, visto que tive que trabalhar o dia todo, mas de acordo com o relato de minha parceira de estágio o sétimo encontro foi dedicado à devolutiva do projeto para os estudantes participantes, inicialmente resgatou-se o objetivo do projeto, após isso foram feitos alguns questionamentos a fim de que os estudantes apresentassem as impressões que tiveram do projeto, mais uma vez disseram gostar de estar/pertencer à sala de articulação, visto que lá conseguem aprender mais e tem mais liberdade. Quando questionados acerca do projeto que realizamos foi dito que gostaram muito e que gostariam que também fosse feito na sala de aula comum ao invés de ficarem fazendo cópias de textos, através dessas falas percebemos que há nos estudantes a vontade de pertencer a sala comum também, de poderem contar sobre suas vivências escolares, sobre seus medos, sobre suas famílias também dentro da sala comum.

REFLEXÕES

No que diz respeito ao projeto “Oficina de Redação”, tivemos um número de participantes bem abaixo do esperado, quanto mais próximo do Enem o número de participantes ia diminuindo ainda mais, até que depois da aplicação do exame não tivemos



mais nenhum participante, devido a isto tivemos que encerrar o projeto. Mesmo com o número reduzido de participantes e por ser o primeiro projeto desta natureza na biblioteca, tivemos resultados satisfatórios, foi gratificante ver através dos debates e dos questionamentos a desconstrução de estereótipos e de preconceitos de algumas pessoas que participaram, além disso, foi possível perceber a melhora na escrita, a cada redação víamos a diminuição dos erros gramaticais, erros de concordância, etc. O projeto da biblioteca comunitária funcionou como pequenos grupos que se indagaram ("por quê?,""como?") e nos quais se estabeleceu uma relação libertadora (o outro deixa de ser objeto e passa a ser objetivo) e isso favorece a passagem da particularidade, onde o indivíduo faz história, mas não sabe que a faz, para a individualidade, onde o indivíduo faz história e sabe disso, sabe que é alienado e se apropria da alienação (PATTO, 2015, p. 165).

Além disso, considerando que a dialogicidade/interação é premissa para a tomada de consciência, o projeto contribuiu significativamente para a conscientização dos participantes, ao passo que discutimos acerca dos obstáculos que impedem e/ou atrapalham a transformação do mundo, tais como racismo, por exemplo, e a partir do momento que a pessoa passa a ter o conhecimento desses obstáculos e do contexto em que está inserida ela passa a poder transformar o mundo e/ou sua realidade e ser protagonista crítico de sua história.

Também foi possível perceber que as pessoas do bairro em que está localizada a biblioteca não viam aquele espaço como sendo delas e como um espaço que pode e deve ser usado por elas, havia na porta da biblioteca um cartaz informando que a biblioteca não faz empréstimo de livros e nem aceita doações por falta de espaço, durante os dias que realizamos a oficina várias pessoas passavam pela biblioteca e perguntavam se a biblioteca estava emprestando livros, se podiam fazer doações, outras foram questionar o motivo da biblioteca estar aberta, visto que sempre ficava fechada, talvez esse seja um dos motivos do número reduzido de participantes do projeto, as pessoas do bairro não atribuem sentido àquele espaço a fim de lhes oferecer algo significativo.

Já na escola, os encontros do projeto "Articulando Saberes" foram pensados com a premissa básica de apropriação e atribuição de sentido ao espaço escolar e de outras questões cotidianas que podem auxiliar os estudantes no seu desenvolvimento, e, conseqüentemente, no seu desempenho escolar. Também buscamos oferecer um espaço onde os estudantes pudessem aproximar cada vez mais o sentido pessoal que dão para a escola e para as coisas da escola, do significado estabelecido para aquele espaço, com aqueles atores, tendo em vista a



realidade social do bairro, da comunidade e etc.. Falamos também sobre a importância da fala tendo em vista que a linguagem organiza o pensamento, auxiliando neste processo de apropriação e atribuição de sentido ao espaço escolar (COSTA & FERREIRA, 2011).

Durante os encontros foi possível perceber que os estudantes da sala de articulação gostavam muito de pertencer a esse espaço, isso porque realmente se sentiam pertencentes, sentiam que tinham liberdade para dialogar. A professora responsável pela articulação oferecia a esses estudantes um espaço que os acolhia, que os convidava a aprender, combinava com eles as atividades que seriam realizadas, fazia com que eles se sentissem participantes do próprio processo de aprendizagem e não objetos. Uma das reclamações que mais surgiu durante os encontros foi a questão das cópias, segundo os estudantes os professores da sala comum passam lousas e mais lousas de cópias, é preciso se atentar a isso, os estudantes não estão atribuindo sentido e/ou significado ao simples ato de copiar e a destituição de significado mortifica o processo de ensino-aprendizagem (PATTO, 2015, p. 253).

Professores se queixavam de que os estudantes da articulação não faziam nada quando estavam em sala de aula comum, a professora responsável pela articulação fez reflexões importantes sobre essa questão, ela disse que os estudantes se sentiam sozinhos na sala comum, visto que os professores não os enxergam, são invisíveis por conta da dificuldade de aprendizagem, por isso não fazem nada, ficam no canto da sala e querem sair o tempo todo quando estão na comum. Segundo Patto (2015, p. 265), pela inércia em sala os estudantes acabam invertendo as relações de poder, fazendo do silêncio sua força e querendo sair da sala de aula comum na verdade estão à procura de algo que lhes faça sentido fora dela (ibidem, p. 261). Coisas que não aconteciam na sala de articulação, até mesmo durante o recreio os estudantes não queriam sair da sala, ficavam lá conversando, jogando e a professora os deixava se sentirem donos daquele espaço, até mesmo durante as aulas ela permitia o lazer, improvisavam uma mesa de *ping-pong* no meio da sala e ali se divertiam. Checchia (2010, p. 135) já fez uma reflexão acerca disso em seu trabalho, destacando que os jovens indicavam aspectos institucionais implicados na produção da bagunça, das brigas e falta de interesse nas aulas, destacando a ausência de atividades recreativas (esporte, lazer) na escola, que seriam meios de expressão e extravasamento da energia represada durante as aulas expositivas.

Outra questão importante que pôde ser observada, principalmente nos encontros sobre sexualidade e batata quente das disciplinas em que a timidez e a falta de apropriação do tema



foram mais significativas, foi a construção e atribuição de significados e sentidos pela mediação. Observou-se que os estudantes passaram a atribuir sentido e significado a palavras antes desconhecidas e a sexualidades antes desconhecidas também, foi nítido a aprendizagem, tanto que um dos estudantes chegou a dizer que nunca havia imaginado que poderia aprender essas coisas na escola (se referindo às sexualidades). Sendo assim, é preciso que a escola trabalhe com os professores a questão da diversidade, para que consigam trabalhar com todos os estudantes, independente do grau de dificuldade ou facilidade de aprendizagem, para que esses professores consigam oferecer, em sala de aula, um espaço onde os estudantes queiram e gostem de estar, assim como acontece na sala de articulação, compreendemos que não é tarefa fácil para direção, coordenação e professores, visto que deve ser um trabalho em equipe, portanto nós estagiários de psicologia nos colocamos a disposição para pensar essa questão.

Em harmonia com Machado (2002), a queixa escolar é constituída em uma história coletiva, trabalhar com a queixa escolar pressupõe buscar o quanto é possível alterar essa produção, movimentando histórias escolares paralisadas. E é isso que o estágio propôs, pensar a queixa de forma a interromper a sua produção, sabendo que alterações simples no cotidiano, tais como ser ouvido, podem produzir efeitos importantes nas relações estudante-aprendizagem, estudante-colegas, estudante-escola, estudante-pais, etc.

Além disso, o estágio possibilitou discutir sobre as possibilidades de intervenções a partir da abordagem crítica em Psicologia e ainda elaborar e desenvolver propostas de intervenção em ambientes socioeducativos, como é o caso dos projetos “Oficina de Redação” e “Articulando Saberes”, visando oferecer espaços e instrumentos para que as pessoas socializem e atribuam sentidos e significados ao contexto em que estão inseridas e desenvolvam senso crítico a partir de seus próprios saberes e se tornem protagonistas de suas próprias histórias.

REFERÊNCIAS

ASBAHR, Flávia da Silva Ferreira; SOUZA, Marilene Proença Rebello De. **Por que aprender isso, professora? Sentido pessoal e atividade de estudo na Psicologia Histórico-Cultural.** Estudos de Psicologia, p. 169-178, 2014.

BRAGAGNOLO, R. I.; SOUZA, S. V. **Atendimento a queixa escolar: desafios e**



possibilidades metodológicas na intervenção a crianças com histórico de fracasso escolar. X CONPE. Universidade Estadual de Maringá, 2011.

CHECCHIA, Ana Karina Amorim. **Adolescência e escolarização: numa perspectiva crítica em psicologia escolar.** Campinas, SP: Editora Alínea, 2010.

COSTAS, F. A. T.; FERREIRA, L. S. **Sentido, significado e mediação em Vygotsky: implicações para a constituição do processo de leitura.** Revista Iberoamericana de Educación. Nº 55 (2011), p. 205-223.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967.

FRELLER, Cíntia Copit et al. **Orientação à queixa escolar.** Psicol. Estud. Maringá, v. 6, n. 2, p. 129-134, Dec. 2001

MACHADO, Adriana Marcondes. **Avaliação Psicológica na Educação: Mudanças Necessárias.** In: Psicologia e Educação: Desafios Teóricos – Práticos. Elenita de Rício Tanamachi, Marilene Proença e Marisa Lopes da Rocha (org.). — São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

MATO GROSSO, Secretaria de Estado de Educação. **Escola Ciclada de Mato Grosso: novos tempos e espaços para ensinar – aprender a sentir, ser e fazer.** 2ª edição. Cuiabá: Seduc, 2001.

PATTO, M, H, S. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia.** 4ª edição revista e aumentada. São Paulo: Intermeios, 2015.

SANTOS, A. A. C. **Construindo modos de conversar com crianças sobre suas produções escolares.** In: Ouvindo crianças na escola: abordagens e desafios metodológicos para a psicologia. Marilene Proença Rebello de Souza (org.). 1ª ed. São Paulo. Casa do Psicólogo, 2010, p. 203-228.

ZATTI, Vicente. **A educação para a autonomia em Immanuel Kant e Paulo Freire.** Dissertação (Mestrado em Educação). Porto Alegre, UFRGS, 2007, p. 71.

